

REVISTA

ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO

DIREÇÃO E REDACÇÃO DE

Francisco Soares Paizoto de Moura
Diretor do Museu Azevedo

ANNO XVII - 1913



UMA LYRA DE GONZAGA

AO dr. Thomaz Alves.

Disse José Verissimo, nos *Estudos de literatura brasileira*, vol. II, pag. 213 :

« A obra de Gonzaga soffreu deturpações e interpolações, que um cuidadoso exame das edições primitivas, á falta irremediavel dos manuscritos originaes, permitiria, talvez, descobrir, para corrigir umas e supprimir outras.»

Empregando apenas esse methodo, cuja fallibilidade o douto critico reconhece, na resalva por um cauto adverbio de duvida, ainda se não attingiria o fim desejado, em alguns casos.

Um delles é o da lyra—*Vou-me, ó bella, deitar na dura cama*, pois, esta já foi dada a lume, pela primeira vez, edição da *Typographia Lacerdina*, Lisboa, 1811, tal qual corre hoje.

No emtanto, dois de seus versos, ao menos, são inauthenticos, o que demonstraremos a seguir, mediante um estudo consciencioso, baseado em documentos varios.

Quando teria sido escripta a mesma ?

Entre 1780 e 1792, estando o autor preso, como se deprehende de uma das respectivas estrophes :

«Aqui—Alerta!... grita o mau soldado,
E o outro—Alerta estou!... lhe diz gritando;
Acordo com a bulha, o então reconheço
Que estava aqui sonhando!»

E onde tel-a-ia escripto o prisioneiro ?

Nas masmorras da Ilha das Cobras, porque não esteve em carcere diverso, desde que o prenderam em Villa Rica, aos 23 de Maio de 1789, até embarcar para Moçambique, aos 22 de Maio de 1792.

Era um dos presos a quem alludia o visconde de Barbacena, aos 22 de Junho de 1789, numa ordem ao desembargador Pedro José de Araújo Saldanha :

«... por outra parte, a dependencia que terão de ambos elles os exames judiciaes que devem praticar-se no Rio de Janeiro com os presos

que, no principio de tudo e antes de auto algum, ou culpa formada, mandei conduzir, por melhor segurança e cautela ás prisões da mesma cidade.» *App. d. Dev. de M. G.*

Que nesse numero se achava incluído o poeta-martyr, bem o deixa ver um trecho da carta-denuncia de Francisco Xavier Machado, porta-estandarte do regimento de cavallaria paga de Minas, endeçada ao governador da capitania, aos 19 de julho de 1789 :

«... no dia successivo, 9 de Maio, sai (do Rio) para esta capitania, e, tendo dois ou tres dias de jornada, ouvi que com certeza tinha sido preso o dito alferes (Tiradentes), e, tanto que passei os fins da capitania do Rio de Janeiro, ao entrar nesta, ou logo pouco depois, encontrei preso o desembargador Gonzaga, e, no dia successivo a este encontro, continuando eu a minha jornada, passaram por mim, tambem presos, o vigario de S. José e o doutor José Ignacio de Alvarenga.»

App. d. Dev. de M. G.

Confirma a noticia da marcha, assim espaçada, dos dois vates envolvidos na Inconfidencia, o depoimento de Antonio José de Araujo, capitão do regimento de cavallaria paga de Minas, produzido aos 18 de Julho de 1789 :

«... tendo (o testemunha) acompanhado para o Rio de Janeiro o desembargador Thomaz Antonio Gonzaga, logo depois de alli chegar, chegou tambem o tenente do seu regimento Antonio José Dias, e o furriel João Rodrigues Monteiro, tambem conduzindo presos o vigario de S. José, Carlos Corrêa de Toledo, e o coronel Alvarenga...»

Dev. de M. G.

E que a remessa de Gonzaga foi acto continuo á sua prisão disse-o elle :

«... no outro dia de manhã, estando ainda deitado, o prenderam e o conduziram a esta prisão...» *Dev. de R. de J. interrog. de 17 de Fev. de 1790 na J. das C.*

O que ahí fica basta para destruir a fabula do comboio, em promiscuidade miseranda, tecida por Pereira da Silva, no *Plutarcho brasileiro*, t. I, pags. 467-8.

«Transportaram-se da cadeia de Ouro Preto, então Villa Rica, trinta e dois infelizes, indiciados deste crime, e pertencentes ás principaes familias daquella época. A longa viagem, que durou trinta e oito dias, o peso das algemas, que lhes ligavam os braços, os maus tratamentos, que supportaram no caminho, e a grande nomeada de muitos dentre elles, tudo concorria a chamar em seu favor a sympathia publica...»; fabula essa pasmosamente accrescida por Mello Moraes, senior, no *Brasil historico*, an. I, n.º 50, em que nos apresenta Gonzaga e Alvarenga a conversarem de poesia estrada em fóra, ou a metrificarem nos pousos, devido á generosidade de um imaginario conductor commum, o major José Botelho de Lacerda, official do esquadrão de cavallaria do Rio de Janeiro, que para tanto os desalgemava nas paragens...

E pormenorizava, no desenvolvimento fabulistico :

«O desembargador Thomaz Antonio Gonzaga escreveu na cadeia de Villa Rica á sua Marília as lyras 3, 26 e 35 da segunda parte das suas poesias.»

«Quando em viagem, pediu a Botelho para lhe tirar as algemas, escreveu a lyra 17, que, do caminho e por intermedio de Botelho, mandou a D. Maria Dorothea.»

O despropósito, em crescendo sempre, foi a ponto de Mello Moraes, Junior, digno herdeiro da imaginação paterna, rematar do modo infra o artigo commemorativo—*A jornada dos martyres (Tiradentes—Supplemento historico—Homenagem da Intendencia municipal do Districto Federal. 21 de Abril de 1894, pag. 38:*

«Nessas noites de resignação apparente e tristeza certas, os cantores da vida e da belleza adoçavam com a poesia a amphora cheia de amargura, mal presentindo o desterro que os aguardava, em troca de um sonho de liberdade da patria.

E o amante de Glaura, o lyrista dos vinte annos, arroubado no idealismo brando e vaporoso de suas scismas, murmurava trovas, ameaçando as solidões, e embalando em extasis Glaura dormindo :

E' suave o seu agrado
A meus olhos nunca enxutos,
Como são os doces fructos
Ao cansado lavrador.

Mas, bem longe da ventura,
A's mudanças vivo afeito,
Encontrando no seu (1) peito
Já brandura e já rigor.

Voae, Zephiros mimosos,
Vagarosos, com cautela;
Glaura bella está dormindo:
Quanto é lindo o seu (2) amor!

E, minutos depois, a caravana punha-se em marcha para o Rio de Janeiro, entre os devaneios da liberdade e o maravilhoso das florestas.»

Substituiu-se ahí, arbitraria e disparatadamente, Alvarenga Peixoto por Silva Alvarenga, autor do estropiado rondó—*Glaura dormindo.*

Um lugubre carnaval da historia!

Extraviado por esses historiographos literarios sem cotação, especialmente pelo segundo, Theophilo Braga avançou na *Historia da literatura portugueza—Filinto Elysio e os dissidentes da Arcadia*, pag. 563.

(1) Deve ler-se: teu.

(2) Deve ler-se: meu.

«Estava o poeta tão confiado na sua innocencia, que durante o tempo em que esteve no carcere de Villa Rica, não deixou de compôr as lyras mais encantadoras, inspiradas na crua situação, á sua bella Marília.

E, particularisando, em reporte; á VII da pag. 2.^a, insistiu, pag. 566:

«... nella revela quanto no carcere de Villa Rica ainda confiava no reconhecimento da sua innocencia.»

Ora, como já vimos, a questionada composição, para a qual elle assignara antes, pag. 527, aliás erroneamente, a data de 1787, só podia ter sido escripta, entre 1780 e 1792, na Ilha das Cobras.

E isto, precisamente, é que nos faz certo da inauthenticidade de um dos decasyllabos da estrophe:

«Pintam que os mares sulco da Bahia,
Onde passei a flor da minha idade;
Que descubro as palmeiras e, em dois bairros
Partida, a grão cidade.»

Não é crível que Thomaz Antonio Gonzaga se referisse, com saudoso bem querer, á brásilia capital do norte, quando naquelle presidio. E o não é, porque alli mesmo, no interrogatorio de 3 de fevereiro de 1790, por não recordar-se de semelhante circumstancia, ou, si quizerem, não convir-lhe recordal-a, apenas declarava ao juiz inquiridor:

«... é verdade que seu pae é filho do Rio de Janeiro, mas que casou em Portugal, nunca mais voltou á sua patria, anda no serviço real, e lá teve ao reu respondente e a outros irmãos, e que esta razão [de amor] é mais forte que a do simples nascimento de seu pae.» (1)

O homem previsto, que de tal guisa occultava a tenaz percutidor de almas, em transes angustiosos, um sentimento de affecto ao paiz, si existente, para que não figurasse no processo como singular prova de culpa, evitaria confial-o nos versos espontaneos ás paredes internas da fortaleza, ao tempo com mais ouvidos que nenhuma de quantas reza o proverbio alludido na sextilha que uns attribuem a Alvarenga Peixoto e outros á esposa deste:

Applicae ao conversar
Todos os cinco sentidos,
Que as paredes têm ouvidos,
E tambem podem falar:
Ha bichinhos escondidos,
Que só vivem de escutar.»

(1) Não de diferente fórma corre impresso o trecho. Porém, «anda» talvez represente vicio, ou méra inadvertencia; em o original, que compul-sámos, no *Archivo do Districto Federal*, a palavra não se acha claramente graphada, parecendo a letra inicial, em vez de um *a* como a tomaram, um *e* sem abertura, ou melhor, um *i* por pingar, o que nos leva á intelligencia: — nunca mais voltou á patria, inda no serviço real, — phrases estas compatíveis com a verdade dos factos, interpretada «patria» em sentido restricto de logar da naturalidade (Rio de Janeiro), conforme, ao uso da época. Nem lhe era possível negar a vinda do progenitor á Bahia, em desempenho de funções publicas, tivesse-o acompanhado, ou não.

Ulteriormente, rebuscadores de velhos papeis, instruidos de que João Bernardo Gonzaga, ex-ouvidor de Angola, Cabo Verde e Pernambuco, (1) fôra despachado desembargador para a Relação da Bahia em 1769, conjecturaram que alli houvesse estado, com toda familia, uns trez annos, os dos 16 aos 18 da idade do filho Thomaz; resultando da conjectura, provavelmente, a deturpação de um dos decasyllabos acima transcriptos, que bom podia ser na origem:

Pinto que os mares sulco de Lisboa

Desla maneira, plausivel, como veremos ao deante, excusado se tornava a Theophilo Braga emendar á sorrelfa o immediato para:

Onde passei a flor da mocidade,

lembrando-se, ao que presumimos, da licção do lexicographo Bluteau, accorde com o direito civil, que o jurista não desdenharia, nem no trato com as Musas;

«... Os treze annos são a flor da idade, porque estão entre os doze, que são nas moças, e os quatorze que são nos moços, os annos da puberdade.»

Pereira da Silva, devido a erros de data, deslocando para 1749 a da vinda do desembargador João Bernardo Gonzaga á Bahia, no *Plutarcho brasileiro*, t. I, pag. 146, e para 1747 a do nascimento do genito fadado á poesia, *ib. id.*, pag. seg.^{te}, tomou a flor da idade deste, — que, segundo elle, teria dois annos apenas, porém, conforme ao assento de baptismo, contava trez a mais, — como sendo uma flor... embryonaria, a da sua «infancia», desconchavo biographico adoptado por Silvio Romero na *Historia da literatura brasileira*, 2.^a ed., t. I, pg. 240, e Coelho Neto, que o recopiou através do precedente, no *Compendio de literatura brasileira*, pg. 46.

Em 1762, Thomaz Antonio Gonzaga já distava muito da infancia; achava-se no termo da adolescencia, mais próximo portanto da mocidade.

Para manter o verso:

«Pintam que os mares sulco da Bahia»

(1) Pereira da Silva, disto informado quiçá, não trepidou em phantasiar no prefacio do *Parnaso brasileiro*, pag. 41. «Temos em nossas mãos este processo (o da Inconfidencia, ainda não publicado em 1843), e, pelos interrogatorios nelle feitos aos reus, se conhece, segundo o proprio dito de Gonzaga, que elle nasceu em Pernambuco em 1747. (!!!) Em tempo competente, quando publicarmos o trabalho que temos entre mãos, acerca do poeta, entraremos em mais pormenores, e provaremos que são infundadas as pretensões modernas daquelles que querem fazer acreditar (sic) haver elle nascido em Lisboa (?), quando sempre conhecido foi como pernambucano.» (!!!)

Quatro annos após em 1817, no *Plutarcho brasileiro*, appareceu, finalmente, o annunciado trabalho; mas Gonzaga já figura ali como nascido no Porto, sua verdadeira terra natal, embora ainda se lhe empreste ao nascimento a data de 1717, em logar de exacta — 1711.

Theophilo Braga, trasladando-o, commentou, *op. cit.*, pag. 527 :

«Na justificação feita em Moçambique, em 1793, *tambem declara ter residido na Bahia*. Tendo passado a *flor da mocidade* na Bahia, Gonzaga *veiu, porventura tendo seu pue acabado o triennio da Relação*, para Portugal, com o fim de cursar a Faculdade de Leis, na Universidade de Coimbra.»

Nada menos veridico que a affirmação, contida na primeira parte do periodo. Eis o que consta da justificação de 9 de Maio de 1793, para o casamento do vate com a bondosa creoula d. Juliana de Sousa Mascarenhas, na passagem alludida :

«... que residiu na mesma cidade do Porto, na cidade de Beja, na de Lisboa, Coimbra, Villa Rica e actualmente em Moçambique...» Cf. doc. in *Revista do Instituto historico e geographico brasileiro*, t. LV, p. 1, pag. 361.

E nada mais desacertado que a supposição, contida na segunda parte do periodo. Que, quando Gonzaga se matriculou na Universidade de Coimbra, a 8 de Outubro de 1763, Liv. de mat., pag. 201, o pae continuava na Bahia, prova-o o trecho de um officio relativo á existencia de nitreira em Montes Claros, naquella capitania, e que a governador da de S. Paulo, Luiz Antonio de Sousa, dirigiu o da de Minas, Luiz Diogo Lobo da Silva, o qual só se empossara do cargo a 23 de Dezembro de 1763.

«E, com encontradas representações e informes, tomou o expediente o governo da Bahia, na idéa de apurar a verdade, de mandar o *desembargador intendente da mesma cidade, João Bernardo Gonzaga*, averiguar o que havia sobre o dito respeito; fez *este* a jornada, e, no regresso della, *me participou* não ser tão fértil, como asseverava o primeiro, nem tão esteril, como presumiam os segundos». *Off. de 25 de Abril de 1767*. Vide DOCUMENTOS INTERESSANTES PARA A HISTORIA E COSTUMES DE S. PAULO, t. XIV, pgs. 198-9.

Mas, voltando atraz, ainda que na justificação se falasse em residencia na Bahia, não n'a poderia invocar coherentemente Theophilo Braga, visto como para logo, *op. cit.*, pag. 567, a taxava de falsa. Nós sim, que a reputamos legitima, pela improcedencia do argumento formulado para a invalidar.

Note-se, agora, que é deveras importante, para a solução do problema, no duplo aspecto biographico e critico, o ter Thomaz Antonio Gonzaga calado aquella circumstancia na justificação, como a calara na lyra XXIX do p. 1.º, em que concitava Marilia a acompanhá-lo :

«Quebra os grilhões do sangue e vem, ó bella !
Tu já foste no sul a minha guia,
Ah ! deves ser no norte
Tambem a minha estrella !»

Depois de condemnado, em Moçambique, como antes de submittido a processo, em Villa Rica, não tinha necessidade nem conveniencia de

omittir-a, a ser verdadeira (o caso não é sequer parecido com o da promessa de casamento, negada).

Portanto, devemos concluir que elle não veio, em sua adolescencia, á colonia brasileira, ali passando a «flor da... idade», ou a *flor da mocidade*; teria ficado na antiga metropole portugueza, a estudar os preparatorios para a matricula na Faculdade de Leis da Universidade de Coimbra, o que até se afigura bem mais natural.

Assim, nada obsta á restituição por nós suggerida :

«Pintam que os mares sulco de Lisboa,
Onde passei a flor da minha idade;
Que descubro as palmeiras e, em dois bairros
Partida, a grão cidade.»

pois, como a Bahia, tambem era bipartida, — cidade baixa e cidade alta, — a *urbs* banhada pelo Tejo. E constituia, nos sonhos gonzagueanos, a almejada meta extrema das viagens, qual se vê das lyras XXIX e XXXV da p. 1.º, respectivamente :

«Mal chegares á foz do claro Tejo,
Apenas elle vir teu semblante,
Dará ao leme do batel um beijo.»

Já corre pela prôa
Uma amarra ligeira :
E a nau já fica surta
Deante da grão Lisboa.»

Mesmo quando dormia, tinha o poeta os olhos d'alma sempre fitos na «grão cidade» ou «grão Lisboa», como jámais chamaria á primogenita de Cabral um reinól da sua estofa...

E a esperanza, que é sonho de acordado, no sabio dizer de Platão, a esperanza de volta ao reino, tantas vezes exteriorizada, procedida da mercê que lhe fizera d. Maria I, de

«... um lugar de desembargador da Relação da cidade da Bahia, para nella servir por tempo de seis annos, e o mais que decorrer emquanto não mandar o contrario, *com posse que logo tomará de um lugar de desembargador da Relação do Porto, que virá exercer findo o dito tempo.*» *Carta régia, de 28 de Novembro de 1786*.

A fonte de inspiração da lyra VII da pag. 2.º, — *Vou-me ó bella deitar na dura cama*, — é claramente a mesma das lyras XXIX e XXXV da pag. 1.º, havendo entre esta e aquella grande analogia.

Rejeitada a modificação do verso :

«Pinto que os mares sulco da Bahia,
nas condições que apontámos, será mister uma outra ao seguinte :

«Onde passei a flor de minha idade;»

que, logicamente, não pôde persistir dessa fórma, nem tampouco lhe abasta a reforma bragueana, pelo acima exposto.

E' manifesto.

Si não fóra acinte a deturpação que acabamos de patentear, consideraríamos devida a simples lapso de copia, ou erro de imprensa identico aos notados em *Glaura dormindo* (na *Jornada dos Martyres*), outra constante da exploradissima estrophe :

«Pintam que estou bordando um teu vestido ;
Que um menino com azas, cégo e louro,
Me enfia nas agulhas o delgado,
O brando fio d'ouro.»

Estando o adjectivo possessivo em referencia á «bella», parece que o deturpador se orientou pelos versos da lyra — *Eu, Marília, não fui nenhum vaqueiro* (XVIII da pag. 2.ª nas edições modernas, figurante sob n. XV na de 1810) :

«Mas, ao menos, será o teu vestido
Por mãos de amor, por minhas mãos cosido»

os quaes talvez pedissem já a corrigenda :

«Mas, ao menos, será o meu vestido
Por mãos de amor, por tuas mãos cosido.»

O certo é que aquella criação poetica não tem fundamento historico, fundamento que lhe attribuiram espiritos... romanticamente dolosos.

Onde a prova provada de que ao sonho de tal maneira descripto correspondeu uma realidade ?

Em nenhues.

E' verdade que se lê n'OS VARÕES ILLUSTRES, 3.ª ed., tomo II, pag. 83, texto e nota :

«... o prendiam (a Gonzaga) seus sentimentos ao solo da noiva querida, pois que *no proprio processo declarou que se occupava em bordar o vestido com que ella devia casar-se* (1)».

E tambem é verdade que se lê na HISTORIA DA CONJURAÇÃO MINEIRA, pag. 140, n. :

«Em sua defesa, allegou Gonzaga que nunca ouviu discorrer sobre a eteria do levante, talvez acrescentava elle, por *estar occupado na dis-
ração de bordar um vestido para a sua noiva. 2.º interrog., 3 Fev. 90^a
Ap. 7 Dev. do R. de J.*»

Pereira da Silva, incorregivel iniciador de falsificações deu o almiré para mais esta, «*proprias palavras do interrogatorio*». (E', *mutatis*, levemente *mutandis*, o do embuste de 25 annos antes : «... pelos *interrogatorios* nelle feitos aos reus, se conhece segundo o *proprio dito de Gonzaga...*»).

(1) «*Proprias palavras do interrogatorio*».

Joaquim Norberto, avezado a torcer textos, não só citou mais individualmente a peça — «2.º *interrogat., 3 Fev. 90, Ap. 7 Dev. do R. de J.*» — para melhor embair aos que não têm o habito das verificações directas, accoitando as citas alheias como incontrovertiveis, mas ainda graphou o — «acrescentava elle» — para de todo fazer acreditar textuaes as palavras sobrevindas.

Vejam, agora, o documento, colhido na fonte por turvar :

«Que na casa do reu estavam hospedados o coronel Ignacio José de Alvarenga e o vigario da villa de S. José, Carlos Corrêa de Toledo, e que nella era frequente o dr. Claudio Manuel, da Costa, que todos se dizem reus; e, por isto, poderiam conversar nesta materia sem elle respondente ser participante, ainda na mesma varanda onde elle estava, por *estar entretido a bordar um vestido para o casamento*, do qual entretimento nunca se levantava senão para a mesa, o que não parece compativel com as idéas e paixões de uma sedição».

E mais não disse, nem lhe foi perguntado, a respeito do vestido.

Ilão de convir, porém, que «um vestido para o casamento» não é positivamente o mesmo que «um vestido para sua noiva», conforme Joaquim Norberto, ou «o vestido com que ella devia casar-se», consoante a Pereira da Silva.

Já então, nas cerimoniaes matrimoniaes, se apresentavam vestidos os contrahentes, um e outro...

Resta, pois, saber-se, com segurança absoluta, ao de qual sexo se destinava effectivamente o *vestido*, si á noiva, ou ao noivo.

O auctor da *Historia da conjuração mineira*, um pouco além, pg. 335, n., nos forneceu o seguinte extracto de uma inquirição summaria, feita aos familiares de Gonzaga, para apurar-se o viver deste nas vespersas da prisão :

«Que nos dias mais proximos á sua prisão, só se communicava com os seus mais intimos amigos, negando-se a muitas visitas por *estar occupado em bordar um vestido* (1.ª e 3.ª testemunhas) *que dizia dever servir-lhe d'ahi a oito ou dez dias em seu casamento* (3.ª testemunha). *Ap. 25 Dev. de M. G.*»

Mas H. M. (Homem de Mello, barão), na *Revista trimensal do Instituto historico e geographico brasileiro*, t. LXIV, p. 1, pg. 170, resume differentemente o mesmissimo documento :

«Nos dias que antecederam á sua prisão, só communicava com os seus mais intimos amigos por *por estar occupado em bordar o vestido destinado á sua noiva*, devendo o seu casamento ser d'ahi a oito ou dez dias.»

Estaria H. M. influenciado já por Pereira da Silva e Joaquim Norberto, ou ter-se-ia descuidado este do seu intento ?

Não havendo que fiar em os nossos historiadores, resolvemos examinar os autos originaes, que se guardam no *Archivo do Districto Federal*. E delles extraimos fielmente o que depuzeram sobre o ponto as testemunhas.

Disse a 1.^a, Manuel da Costa Mourão, auxiliar da Contadoria de Villa Rica e famulo do poeta :

«... que nos dias mais proximos á sua prisão, o communicavam só e com a mesma familiaridade os ditos desembargador Bandeira e doutor Claudio, tanto assim que, até se chegava a negar a algumas visitas por *estar occupado a bordar um vestido...*» Fls. 3 v.^o, 1.^{as} 7 a 12.

E disse a 3.^a, Joaquim José Corrêa, cirurgião-mór do regimento auxiliar de Villa Rica e afilhado de ch. isma do poeta :

«... que naquelles proximos dias á sua prisão, não observou elle testimunha que algum dos sujeitos de sua amizade, ou ainda qualquer outro, procurasse com mais frequencia o dito Gonzaga, antes este tinha dado ordem para não falar, por *estar occupado a bordar um vestido que dizia lhe havia de servir dalli a oito ou dez dias para o seu casamento.*» Fls. 5, 1.^{as} 33 e 36, e fls. 5 v.^o, 1.^{as} 1 a 7.

Verificámos aquellas as duas hypotheses, concomitantemente.

Já não resta duvida alguma. Reproduzindo uma expressão analytica do padrinho, Joaquim José Corrêa, que não era um inculto, nem tampouco um trapalhão, elucidou assás o caso do vestido com aquelle : *lhe* (=a elle).

Sim ; o vestido havia de servir a Thomaz Antonio Gonzaga, não a Maria Dorothea Joaquina de Seixas. Nem desta se cogitava no momento, para admittirmos uma confusão de pessoas.

Todavia, Joaquim Norberto, desattendendo ao complemento determinativo, não hesitara em asseverar gratuitamente :

«... ia Gonzaga bordando a ponto de ouro, com toda a paciencia, debruçado sobre um bastidor, o vestido de cassa branca, com que sua noiva tinha de apresentar-se no altar nupcial.» *Op. cit.*, pg. 140.

E insistira, mais informativo :

«Cinco mezes haviam escoado á espera da licença da côrte, e, nesse espaço, concluíra, com a maior paciencia e delicadeza, o bordado a ouro do vestido de sua noiva.» *Op. cit.*, pags. 247.

Quanta ampliação ! O simple «vestido para o casamento», do interrogatorio de 3 de Fevereiro de 1790, tomado logo como *um vestido para a noiva*, passou a ser *vestido de noiva, em cassa branca, bordado a ponto de ouro, sobre um bastidor*, a principio com paciencia apenas, depois com delicadeza tambem, durante cinco mezes !

Que optimo chronista... de modas se perdeu !

Mas os topicos transcriptos por ultimo attestam de sobejo que se não aveiu com lisura o autor.

Nem se invoque para exculpar-o, aliás pouco airoosamente, a ignorancia de que por *vestido* tambem se comprehendia, ainda no seculo XVIII, roupa de homem, a qual comportava, como a de mulher, recamos e bordaduras varias, a ouro, a prata, a retroz, etc. ; pois Joaquim Norberto manuseou de fio a pavio, os autos do processo da Inconfidencia mineira, e não lhe passariam despercebidos, nos de sequestro dos bens de Claudio

e de Gonzaga, os rôes de *roupa branca* e *de côr* (distincção antiga, por contraste, das peças internas e externas, que subsiste em parte).

Era mirabolante a guarda roupa da época, não desdizendo dos vestidos do cantor de Eulina os do de Marilia.

Faz ao caso vertente o rôl da *roupa de côr* do segundo, que copiámos do original existente na *Bibliotheca nacional*, volume das *Devassas do Rio de Janeiro e Minas Geraes, 1789, -- Sequestros*, pg. 36 e seguintes.

Reza o curioso inedito :

«Uma bêca inteira de setim, com bandas bordadas ; uma dita de lila preta ; um vestido de casaca, vestia e calção de sêda amarella toda ; um dito da mesma côr e fazenda, a vestia bordada e a casaca caseada de prata ; uma casaca e calção de sêda côr de bicho de couve, com vestia de setim bordado ; um outro dito (vestido, subentende-se), vestia, casaca e calção de sêda côr de flor de pecegueiro, a vestia bordada de prata ; um dito de panno côr de vinho caseado de ouro ; um vestido de brilhante, casaca e calção ; um dito de belbute lavrado, casaca e vestia ; um fraque de chita roxa ; um dito côr de camurça com ramos roxos ; um vestido inteiro de droguete verde periquito ; um fraque de panno verde, com vestia de setim verde ; um fraque de camelão roxo ; um dito de baetão côr de rosa ; um dito com sua vestia de baetão côr de vinho ; um dito de droguete azul ; tres vestias de seda branca bordadas de ouro e cores ; uma vestia de brilhantes ; um calção de duraque preto ; um dito de panno encarnado, um collete de baeta branca.»

Dos *vestidos* da lista supra um deve ser o que havia de servir a Thomaz Antonio Gonzaga no seu casamento (registre-se aqui, incidentemente, não constar do unico auto de sequestro dos bens do poeta, — feito no mesmo dia de sua prisão, para que nada se sumisse, - *vestido* algum de mulher, desta, ou daquela fazenda, com ou sem bordaduras)...

Contando só cinco annos de idade em 1811, quando appareceu impressa a lyra — *Vou-me, ó bella, deitar na dura cama*, Joaquim Norberto não pôde ter sido o deturpador da mesma. Porém cabe-lho a maior responsabilidade na incrementação da lenda do vestido de noiva bordado por Dirceu, vestido que serviu de mortalha a Marilia, a 10 de Fevereiro de 1833, segundo uma conferencia que em 1907 fez na Paulicêa o conde de Affonso Celso, de radeiro a juntar-lhe um traço commovente...

Essa lenda, meramente litteraria, a principio prestigiada por altos cultores da poesia, chegou mais tarde a transviar grandes representantes da critica.

Em 1867, no aliás mediocre drama GONZAGA, a. I, sc. VIII, Castro Alves emprestava á protogonista a *fala*:

«Maria, como eu sou feliz ! Queres saber ? Já não tenho desconfianças, nem receios... e estou descansado sobre o nosso futuro... Ah ! tenho de fazer-te uma surpresa. B eve te enfeitarei com o *vestido que bordei para a minha noiva.*»

A *supreza annunciada*, e em tão má lingua, por signal, reflecte o conto da carochinha de que Pereira da Silva se fez iniciado; numa das primeiras edições dos *Varões illustres*, supponho.

Em 1890, no interessante opusculo *Dirceu*, pag. 13 e 14, Araripe Junior pontuava:

«Quando Gonzaga foi colhido pelos acontecimentos da Inconfidencia, estava bordando um vestido para Marília, com um dedal de ouro que celebrizou o spolio do poeta (1).

(*) Esse dedal de ouro figurou no sequestro feito em 23 de maio de 1789, e no Instituto historico existem bilhetes de letra do poeta pedindo ao dono de uma loja vizinha fios de ouro e objectos de bordar. Vide Norberto, *Hist. da conj. min.*, pg. 140*.

Por isto disse elle nas *Lyras*:

Pintam que estou bordando um teu vestido;
Que um menino com asas, cego e louro,
Me enfia nas agulhas o delgado,
O brando fio d'ouro.

Essa occupação, em tão apertada hora, escolhida por um ex-ouvidor, nomeado para uma Relação, conspicuo entre os mais conspicuos do logar, versado diurna e nocturnamente nos classicos, e ainda mais aguerrido em jurisprudencia pelo manusear constante das leis e dos reinicolas; esse capricho de exercer o papel de Hercules junto a Omphale, em um homem que já attingira os 44 annos de idade, é, quanto a mim, de uma importancia capital para a critica do character de Gonzaga; e, pintando a exacta situação de espirito do poeta, descobre a fonte verdadeira de onde emanou todo o lyrismo de Dirceu*.

A referencia a essa nota de Joaquim Norberto e o provir de outra subsequente a expressão «exercer o papel de Hercules junto a Omphale», por seu turno, denuncia, a fonte suspeita de onde emanou a critica do cearense illustre...

Que não era Gonzaga um apathico sensual, segundo o classificou Araripe Junior, ou um effeminado, na phrase menos technica de alguns collegas, que se apoiaram em igual deducção psychologica, evidencia o a satyra contra o governador Luiz da Cunha Menezes.

Nas *Cartas chilenas*, 1, 101-4, estigmatizou a mollicie:

«Deviam, Dorothéu, morrer os povos
Apenas os maiores imitaram
O rosto e os costumes das mulheres,
Seguindo as modas e raspando as barbas».

comquanto se exprimisse, na XI, 534-6:

«Talvez, talvez, não fosse tão formosa
A mesma que obrigou o forte Achilles
A que terno vestisse a molle saia »

repetindo com vantagem, pela felicidade rara da adjectivação no terceiro decasyllabo, lanços das lyras VIII e XXVII da p. 4*:

«Tambem o grande Achilles veste a saia.
Tambem Alcides ña.»

«E' a bella Deidamia:
Lá tens Achilles ao lado,
De uma saia disfarçado,
Como com ella vivia.»

E não admira que o nosso poeta enristasse a penna acerada contra o *fanfarrão Minezio*, exactamente quando mais amimava a cleita do seu coração, em sabendo-se que «lord Backurst, na vespera de um grande cembate naval contra os hollandezes, se cobre de gloria escrevendo versos «às damas que ficaram em terra», como, ao tratar do *Dirceu*, posto que em outra ordem de idéas lembrou Garcia Merou, n' *El Brasil intelectual*, pag. 241.

Nas *Cartas chilenas*, que sem estudo serio modernamente se tem attribuido ora a Alvarenga Peixoto, ora a Claudio Manuel da Costa, nossa formidavel satira pessoal, elaborada entre fins de 1788 e começos de 1789, época da composição das ultimas lyras de Villa Rica, encontram-se simples variantes dos versos destas, arguindo significativos auto-mimetismos.

Pelo conseguinte, desnecessario seria que houvesse Gonzaga entrado na Inconfidencia, aparcirando-se com revolucionarios levianos, para o julgarmos de character energico, e até capaz de uma attitude violenta.

Não o comparemos, pois ao filho de Alcmena já reduzido a fiandeiro, — de quem lançou mão alquando, para desculpar fraquezas de amor, como o seu mestre Camões, nos *Lusiadas*, III, 141, — visto ser falso, falsissimo, que bordasse o vestido nupcial de Marília, fazendo-o por denguiçe de namorado piégas.

Elle bordava, sim, o proprio vestido de noivo, mas por economia talvez, devendo-se restituir, de accordo com a historia eclipsada pela lenda o verso que tamanha injustiça carregou-lhe à memoria:

«Pintem que estou bordando um meu vestido.

Os decantados *tempos bicudos* são bem antigos, quasi tanto como a mythologia, a mesma das despesas poetico-pastoris...

Campinas, (E. de S. Paulo).

Alberto Faria